



## A IMPRENSA SINDICAL EM CAMPINAS

### Um estudo da comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região<sup>1</sup>

**Bruno Fuser**

Prof. Dr. da Fac. de Jornalismo, CLC - PUC - Campinas

**Cláudia Regina Lahni**

Profª. Ms. do Depto. de Jornalismo - Fac. de Comunicação - UFJF

**Resumo:** Pesquisa realizada no Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região, através de entrevistas com jornalistas e dirigentes e da análise da publicação da entidade, a *Folha de Metal*, permitiu verificar tendências da comunicação social aí implementada, confirmando-se pesquisas de teóricos do movimento sindical, para quem a CUT caminha para um “neocorporativismo societal”, afastando-se dos valores preconizados no início de sua história, como os de liberdade e autonomia, representação nas bases e democracia interna. A comunicação do Sindicato estudado também afasta-se dos rumos defendidos para a imprensa operária por pesquisadores, segundo os quais tal comunicação deve ser democrática, dialógica, organizadora coletiva e aberta à participação dos trabalhadores.

**Palavras-chave:** Comunicação Sindical; Comunicação e Política; Imprensa Metalúrgica.

## INTRODUÇÃO

A concentração dos meios de comunicação nas mãos de 15 grupos ou famílias, no Brasil, como assinala Igor FUSER (1997), tem por conseqüência, entre outras, o tipo de tratamento na difusão de informações sobre movimentos de trabalhadores, como a greve dos petroleiros, ocorrida em 1995, e as mobilizações do MST. Em ambos os casos, assim como em momentos eleitorais, prevalecem os interesses da elite dominante de forma totalitária,

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado a partir de projeto coletivo sob orientação dos profs. Cláudia Regina Lahni, da UFJF, e Bruno Fuser, da PUC-Campinas, como atividade do grupo de pesquisa interinstitucional Jornalismo e Cidadania, cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq. O projeto desenvolve um estudo comparado que inclui, também, pesquisa sobre a comunicação do Sindicato dos Metalúrgicos de Juiz de Fora, que, por motivos de espaço, não pôde ser contemplado nesta comunicação científica.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



como destaca Bernardo KUCINSKI (1998). Diante dessa situação, a imprensa sindical se apresenta como importante alternativa de informação das classes trabalhadoras.

Essa imprensa, mostra Maria Nazareth FERREIRA (1988), teve início no País por volta de 1880, e vem crescendo em quantidade e qualidade. Edita apenas no estado de São Paulo cerca de 12 milhões de exemplares por mês de periódicos diversos, e tem apresentado em sua história características diversas, constituindo-se em importante estratégia de organização dos trabalhadores, buscando combater o sindicalismo pelego, alternando discursos assistencialistas e combativos, embora apresente caráter verticalista, que reproduz a estrutura da comunicação comercial. Esta pesquisa buscou verificar as características da comunicação desenvolvida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região, com ênfase no respectivo órgão de imprensa, a *Folha de Metal*.

## **METODOLOGIA**

Desenvolvemos, neste trabalho, duas estratégias metodológicas: de um lado a revisão bibliográfica, a pesquisa sobre a história e a comunicação dos dois sindicatos. Para isso foram realizadas as seguintes entrevistas semi-estruturadas: com o representante da diretoria colegiada do Sindicato, Eliezer Mariano da Cunha, com as jornalistas Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto, e, ainda, com Cid Ferreira, ex-presidente do Sindicato. Alguns documentos e obras forneceram importantes subsídios, como a pesquisa de POSSAN (1997), que detalha a história dessa entidade até período bastante recente.

Tal estratégia, essencialmente qualitativa, teve a seu lado outra, de cunho quantitativo, a análise de conteúdo dos jornais dos sindicatos. Foram estudadas sete edições da *Folha de Metal*: 21/01, 05/02 e 01/10 (jornais específicos), 18/07, 22/10, 05/11 e 26/11 (jornal geral), todas de 2002.

A importância de estudos qualitativos é destacada por diversos pesquisadores, como Mauro Wilton de SOUSA (1990:141), que, ao descrever um estudo qualitativo, ressalta que o mesmo se caracteriza por ser "explicativo de relações empíricas e não generalizador das situações amostradas". A não generalização seria justamente um dos traços que caracterizam parte dos estudos das ciências sociais, segundo Oracy NOGUEIRA (1979:10). Ele assinala a



importância da entrevista, como técnica por excelência da pesquisa social, assim como a observação participante, a história-de-vida e a análise de documentos.

MATTELART (2000:40) descreve a análise do conteúdo como uma técnica de pesquisa que visa à descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações. Para PINTO (1981:22), tal técnica permite colocar em evidência certos elementos não discerníveis numa simples leitura impressionista. Já o estudo comparado – metodologia iniciada por Jacques Kayser, segundo MELO (1972:17) -, que compreende a dissecação dos jornais, sua análise crítica e comparativa, pode abrir diversas perspectivas para os pesquisadores.

Um primeiro aspecto da categorização levou em conta estudos realizados por outros pesquisadores do tema – inclusive os autores deste trabalho (cf. FUSER, 1998; e LAHNI, 1999) -, como Vito Giannotti, militante sindical que possui várias obras sobre a comunicação sindical. GIANNOTTI (1997) assinala que o jornal sindical deve mexer diretamente com a vida do trabalhador, mas isso não quer dizer falar apenas de salário ou condições de trabalho. “Deve falar de livros, cinema, teatro, música, poesia... Precisa ter matérias que dialoguem sobre educação, saúde e meio ambiente” (1997:47). Ele argumenta: “Para que a imprensa sindical cutista assuma o seu papel de imprensa alternativa e contra-hegemônica (...) é preciso que seja eliminado da comunicação sindical um de seus maiores cânceres: o corporativismo” (1997:99).

“A maioria dos jornais sindicais não trata do que acontece nos outros sindicatos. Muito menos do que se passa no Movimento Sem-Terra, com os trabalhadores do mercado informal ou com os índios. Boa parte dos jornais sindicais não reflete temas que não estejam diretamente no âmbito sindical, mesmo que afetem diretamente a vida dos trabalhadores” (1997:99).

A partir dessas premissas, consideramos as categorias **Ações Internas** do Sindicato e **Ações Extra-sindicato** dos Metalúrgicos como as duas principais a balizarem a análise dos jornais, pois elas podem expressar a maior ou menor intensidade com que o sindicato desenvolve uma política também chamada neocorporativista. Incluímos entre as Ações Internas do Sindicato seu marketing (autopromoção), convocação para assembleias, notas sobre convênios e a participação dos trabalhadores. Na categoria Ações Extra-sindicato dos Metalúrgicos estão reportagens sobre política, economia, ou outro assunto que não faz referência diretamente à categoria e/ou à entidade que a representa formalmente.



Finalmente, escolhemos a categoria **Participação** direta dos trabalhadores na elaboração dos textos dos jornais. Em dois trabalhos nossos (FUSER, 1992; FUSER, 1998) destacamos que a participação dos receptores na produção dos seus veículos, assim como o conteúdo neles expressos, são dois referenciais importantes de análise, e que podem balizar estudos específicos sobre as formas de produção das experiências de comunicação contra-hegemônicas. A importância da participação é defendida, por exemplo, por MATTELART (1977), para quem deve existir participação direta do receptor no processo de produção dos meios de comunicação. Para ele, a troca permanente de posições, um intercâmbio de papéis entre o produtor e o consumidor dos bens culturais só pode ser alcançado por um processo de aberturas até uma experiência coletiva que rompa radicalmente com a relação repressiva que os aparelhos de comunicação exercem com seus públicos.

PERUZZO (1998) aponta, ao analisar a comunicação popular participativa, a necessidade de se verificar concretamente as formas como se dá essa participação. De maneira objetiva, estabelece níveis crescentes de tal participação: superficial e ocasional, apenas no nível das **mensagens**, em entrevistas, avisos, depoimentos, sugestões, pedidos de música ou mesmo em concursos; na elaboração da **produção** de notícias, poesias, desenhos; na **produção geral** do jornal ou programa; na **definição do conteúdo**, da linha editorial, do planejamento, da edição e controle dos equipamentos; no **processo de gestão** da instituição comunicação como um todo (PERUZZO, 1998:142-143).

Consideramos que a categoria Participação esteve presente – ainda que apenas nos primeiros níveis citados por Cícilia Peruzzo - em textos que contaram com algum tipo de colaboração dos trabalhadores da base, em que eles são a principal fonte da reportagem, com denúncias das situações internas das fábricas, como as condições de higiene, alimentação, transporte, ou outras questões das quais somente o “chão de fábrica” poderia falar, mesmo sem a explicitação do nome do trabalhador, para se evitar represálias. Foram encontrados tais casos apenas entre as reportagens ligadas às **Ações Internas** do Sindicato, e nessa perspectiva, em especial, foram analisadas.



## O MUNDO DO TRABALHO E O MOVIMENTO SINDICAL

O desenvolvimento do Novo Sindicalismo, a partir do movimento dos metalúrgicos de 1978 – com a mobilização massiva de trabalhadores nas fábricas e dos sindicatos do ABC paulista –, passou desde então por significativas mudanças. A CUT, criada em 1983, alterou de forma marcante, nesses 20 anos, a sua política, e aproximou-se em grande medida das práticas da segunda maior central brasileira, a Força Sindical, formada em 1991. A afirmação de alguns dos principais valores da CUT - *liberdade e autonomia, representação nas bases e democracia interna* – tem enfrentado dificuldades de diversa ordem.

O espaço conquistado pelos sindicalistas cutistas levou a certo grau de *burocratismo*. Apesar dos acertos em termos de elaboração teórica, a CUT não tem conseguido avançar na organização por local de trabalho, não rompeu com a estrutura sindical com base em categorias profissionais para implantação da organização por ramo de atividade, acomodou-se com a legislação existente. As ações relativas à comunicação têm sido parte das dificuldades, não apenas da CUT, mas das diversas forças de oposição de classe e ao sistema. Os jornais da entidade, na maior parte das vezes, ou perdem-se em informações fragmentadas, ou caem no discurso doutrinário, segundo avaliação da própria Secretaria de Imprensa da entidade.<sup>2</sup>

A reestruturação produtiva, intensificada em todo o mundo a partir da década de 1980, com a difusão do toyotismo, em substituição ao fordismo e ao taylorismo, trouxe graves conseqüências para o mundo do trabalho. O sindicalismo sofreu - e sofre - intensamente com os novos métodos organização da produção, em que se incluem a criação de mecanismos como a descentralização das unidades de produção, a formação de grupos semi-autônomos de produção e dos Círculos de Controle de Qualidade, a repressão e cooptação dos trabalhadores, a terceirização, os novos métodos de controle, em que os estoques atingem patamar mínimo e as plantas industriais são flexibilizadas, além do avanço internacional do neoliberalismo, com a eliminação de inúmeros direitos trabalhistas e sociais.

Uma reflexão sobre as conseqüências da reestruturação produtiva no sindicalismo brasileiro é feita por Álvaro COMIN (1997), para quem “a reestruturação produtiva mina alguns dos principais sustentáculos do sindicalismo corporativo”: a redução de trabalhadores com vínculo empregatício formal obriga os sindicatos a buscar recursos não compulsórios; a

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Justiça do Trabalho participa cada vez menos das negociações coletivas; a estabilização da moeda fez com que os sindicatos não mais tivessem essa "bandeira" econômica imediata; cada vez cresce mais a possibilidade de reformas na legislação sindical e trabalhista, precarizando os vínculos trabalhistas, o que poderá representar "uma perigosa fluidificação de suas bases virtuais, uma vez que (...) o grau de adesão dos trabalhadores aos sindicatos é diretamente proporcional à extensão de sua experiência profissional e à dilatação de seus vínculos empregatícios".

Entre os pontos da legislação há também iniciativas no sentido de, caso ocorra uma reforma, acabarem a contribuição compulsória, a unicidade sindical e o poder normativo da Justiça do Trabalho. Além do mais, continua COMIN:

"a crescente singularidade dos modelos de organização, gestão, qualificação e remuneração do trabalho, cada vez mais restritos ao âmbito das empresas individualmente, configura-se num poderoso impulso para a descentralização das negociações coletivas, com forte impacto sobre as estruturas mais centralizadas de representação de interesses".

Quem também aponta desafios a serem enfrentados pelo sindicalismo cutista é Ricardo ANTUNES (1996). A crise, que até há alguns anos era restrita aos países avançados, agora se estende ao mundo todo. Cresce o número de desempregados e daqueles trabalhadores precarizados, subempregados, e se estreita o mercado de trabalho "formal":

"(...) o desafio hoje é construir um *sindicalismo mais horizontalizado*, menos categorial e mais classista, dotado de uma abrangência maior e que privilegie os diversos contingentes que compreende a *classe-que-vive-do-trabalho*. Um sindicalismo mais capacitado para aglutinar o *conjunto* dos trabalhadores. Isso porque a fragmentação, heterogeneização e complexificação da classe trabalhadora questiona na *raiz* o sindicalismo tradicional da indústria fordista e dificulta enormemente a organização sindical de inúmeros segmentos que compreendem o mundo do trabalho".

Com o enfraquecimento dos sindicatos, que tradicionalmente privilegiaram os trabalhadores com vínculo formal, intensifica-se o que Antunes chama de *neocorporativismo*, o interesse dos sindicatos em procurar preservar os interesses de parte dos trabalhadores, aqueles mais estáveis, abandonando aquele segmento em expansão, de trabalhadores precarizados ou desempregados. Organizar sindicalmente os desorganizados seria um dos desafios do sindicalismo atualmente, assim como romper com o "*neocorporativismo*

---

<sup>2</sup> Pavan, Rosiver. "Os rumos do sindicalismo". Em: INCA - Instituto Cajamar, *op.cit.*, pp. 57-64, em especial p.64.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



*societal*”, voltado exclusivamente para as suas respectivas categorias profissionais e, portanto, afastado de quaisquer perspectivas classistas.

Igualmente radical na crítica é José de Lima SOARES (1997), para quem as profundas mudanças no mundo do trabalho fizeram com que o sindicalismo cutista se voltasse para um neocorporativismo e para um “*defensivismo de novo tipo*”, abandonando as posições de que marcaram sua origem e assumindo posturas “de diálogo, de consenso e de *concertação*, que não avança na perspectiva da luta”.

Avançar nas propostas de luta implicaria, assinala SOARES,

"romper com a política neocorporativista (acordos setoriais, política de *concertação*, alto grau de institucionalização sindical, verticalização do aparato sindical, burocratização...), destruir o sindicalismo oficial de Estado, e retomar o ideário socialista, marca de origem dos dois primeiros congresso da CUT”.

Entre os valores fundamentais a serem recuperados estariam, para o pesquisador,

“a democracia operária, o respeito à proporcionalidade qualificada, lutar radicalmente pelo fim da estrutura sindical oficial, o fim do aparelhismo, do burocratismo e do corporativismo sindical, a luta pela organização nos locais de trabalho, a luta contra a exploração capitalista e pela construção de uma sociedade igualitária, fraterna e socialista”.

## COMUNICAÇÃO SINDICAL

Diversos pesquisadores buscam analisar as características da imprensa sindical. É o caso de Maria Nazareth Ferreira. Um dos principais referenciais utilizados por ela, assim como outros autores, para a análise da imprensa operária, são os textos sobre o tema de Vladimir I. Lênin. Para o líder bolchevique, de maneira sintética, a imprensa dos trabalhadores deve ao mesmo tempo *difundir idéias, educar politicamente, conquistar aliados* e desempenhar o papel de *organizador coletivo* (LÊNIN, 1980:54). Essa imprensa desenvolveria de modo sistemático a propaganda e a agitação das idéias revolucionárias e serviria, igualmente, como pólo de aglutinação do descontentamento, da agitação dispersa e dos protestos fragmentados e locais.

Segundo Nazareth, a imprensa da classe trabalhadora “deve responder à necessidade de encaminhar as reivindicações, informações e orientações de suas categorias profissionais. No entanto, a isto não se pode limitar, devendo atuar também no sentido do intercâmbio, da



organização e da formação política de sua base de trabalhadores” (FERREIRA, 1988:14). Uma característica importante de tal imprensa, para a pesquisadora, é que ela deverá estar “sempre ligada a alguma forma de organização da classe trabalhadora - seja partido, sindicato ou qualquer outra espécie de agremiação, circulando de maneira diferente da imprensa burguesa, ou grande imprensa”.

“O veículo de comunicação da classe trabalhadora - quer seja representante de sindicato ou de partido - não tem proprietário, e sua mensagem não é uma mercadoria a ser consumida; seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas etc., produzido pela coletividade e para ela mesma. O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma de organização: ‘A comunicação torna-se um instrumento de intercâmbio, não de dominação. É horizontal e interativa’” (FERREIRA, 1995:19).

O que caracteriza esse tipo de comunicação seria: seu caráter coletivo; a produção é feita pela e para a coletividade (horizontal e interativa); a lógica que a norteia (seu consumo) não é a mesma de uma mercadoria tradicional; sua função é não apenas informar, mas formar e mobilizar, organizando a coletividade; sua circulação é diferenciada (entre a coletividade, e não entre consumidores tradicionais).

Ao analisar em que medida a comunicação sindical brasileira estaria se desenvolvendo dentro daquelas premissas discutidas acima, que seriam próprias da comunicação das classes subalternas, Maria Nazareth Ferreira destaca:

“(…) no que se refere à imprensa proletária como mediadora entre os partidos políticos, sindicatos e a massa de trabalhadores, verifica-se que, até uma certa época, a mesma cumpriu as funções propostas por Lênin; entretanto, na imprensa proletária mais recente - por exemplo, a partir do 'novo sindicalismo' - isto já não ocorre” (FERREIRA, 1995:33-34).

Nazareth chega a essas conclusões a partir de pesquisa que chegou à seguinte caracterização da comunicação sindical hoje:

*- a estrutura sindical é fortemente burocratizada e autoritária, o que se reflete no seu sistema de comunicação; a comunicação sindical é vista pelos dirigentes, prioritariamente, como instrumento de mobilização imediata, em detrimento da formação/informação; inexistente uma política de comunicação, o que resulta no não aproveitamento de sua potencialidade como comunicação de resistência das classes subalternas; privilegia-se a quantidade sobre a*





*qualidade; o comunicador é tratado como um funcionário burocrata, o qual passa a ver o dirigente sindical como um empregador; há uma tendência cada vez mais acentuada de se seguir os padrões da grande mídia, tanto na forma como no conteúdo (por exemplo, a verticalização do processo de comunicação, tanto na relação dirigentes / comunicadores, como na relação comunicação / receptor); constata-se muitas vezes a ausência de um esquema de distribuição dos jornais; constata-se a ausência dos receptores no processo de comunicação (somente um jornal apresentou pesquisa de recepção; os dirigentes não conhecem suas bases e não estão preocupados com esse desconhecimento).*

A análise dos jornais do sindicato, em Campinas, levará em conta, entre outras, tais perspectivas encontradas pelos estudos da comunicação sindical.

## **A COMUNICAÇÃO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE CAMPINAS**

O Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região teve duas fases bastante distintas: de 17 de março de 1947, quando ainda era uma associação, até a década de 80 desenvolveu essencialmente um sindicalismo assistencialista, atrelado às empresas e ao Ministério do Trabalho. De acordo com Cid Ferreira, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região por quatro mandatos consecutivos, no período de 1979 até 1984, a imprensa do Sindicato nesse período, até 1984, tinha uma função muito restrita:

“Como nós tínhamos repressão, a imprensa também tinha, e ela pouco podia escrever. Nós tínhamos raríssimas notícias que pudessem fazer uma sensação, porque a imprensa era muito fechada. (...) Como tinha dirigente pelego tinha também imprensa pelega”.<sup>3</sup>

A partir da década de 80, mais precisamente depois de 1984, o Sindicato foi tomado pela Oposição Sindical Metalúrgica (OSM), que apresentou novas propostas para o movimento sindical. A então nova diretoria defendia os princípios de um sindicato democrático, livre e organizado pela base, como consta na resolução do 1º Congresso dos Metalúrgicos, realizado em 1985, na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo.

A imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas não acompanhou, no entanto, as mudanças do sindicalismo a partir da década de 80, inclusive as de dentro do próprio

---

<sup>3</sup> Depoimento de Cid Ferreira para a realização desta pesquisa.



Sindicato e, deste modo, consolida um sindicato com práticas bastante conservadoras de ponto de vista de sua imprensa.

Características técnicas como periodicidade, número de páginas definido e reunião de pauta não são seguidas pela imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, de acordo com Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto, responsáveis pela produção dos jornais do Sindicato, e Eliezer Mariano da Cunha, um dos quatro diretores do Departamento de Imprensa do Sindicato, em entrevista realizada, separadamente, na Sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região.

A imprensa do Sindicato publica a *Folha de Metal* em duas versões, uma denominada também jornal geral ou boletim geral, e outra, chamada internamente de jornal específico ou boletim específico, com assuntos relativos a determinadas fábricas. Nenhum deles, de acordo com as jornalistas responsáveis, tem uma periodicidade definida. Além das jornalistas, há dois outros funcionários da área da comunicação, encarregados de editoração eletrônica, fotografia e trabalho de apoio. A tiragem dos jornais é bastante variada, em função dos objetivos e da capacidade de distribuição da edição.

O jornal geral é impresso em uma periodicidade aproximadamente mensal e apresenta assuntos internos ao Sindicato, como campanhas salariais e assembléias, e também assuntos nacionais e internacionais que a diretoria considera “pouco divulgados pela grande imprensa”. Já os jornais específicos têm periodicidade bastante variada, buscando atender a demanda específica da ação do sindicato junto às fábricas, dentro da capacidade de produção das duas jornalistas contratadas.

Quanto à reunião de pauta, as profissionais de comunicação do Sindicato atestam que essa não é uma dinâmica usual e que a grande maioria dos assuntos são pautados pela diretoria, não havendo uma discussão entre dirigentes e jornalistas sobre os assuntos que devem virar notícia.

Embora os jornais sejam os principais instrumentos de comunicação do sindicato com a categoria, a entidade possui, ainda, quatro aparelhos de som para trabalho em porta de fábrica, com o apoio de um caminhão, duas peruas e um carro pequeno.

Foram analisados, do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, sete edições, com um total de 53 reportagens, somando 12.897 cm<sup>2</sup> de área útil. Para manter equilíbrio entre as



publicações gerais e específicas, foram selecionadas 3 edições do boletim específico (21/01, 05/02 e 01/10) e 4 do jornal geral (18/07, 22/10, 05/11 e 26/11), todas de 2002.

## O CONTEÚDO DOS JORNAIS

Jornal Específico (Clube de Campo) - 21/01: **Ações Internas** do Sindicato - Incluem-se nessa categoria aí todas as 3 reportagens existentes no boletim, ou seja, 100%. Os textos referem-se à 4ª Copa de Futebol de Campo dos Metalúrgicos, a festa de premiação do evento e um informe sobre horário de funcionamento do clube de campo e datas para exame médico. As **Ações Internas** ocupam todos os 980cm<sup>2</sup> de área útil do boletim. Nenhuma reportagem conta com a **Participação** direta do trabalhador, e não há nenhuma sobre **Ações Extra-sindicato**.

**Jornal Específico (Bosch)** - 05/02: **Ações Internas** do Sindicato - Novamente aqui todas as 9 reportagens do periódico, ou seja, 100%, são dedicadas a esta categoria, ocupando toda a área útil de 958cm<sup>2</sup>. Há **Participação** do trabalhador em 3 reportagens, ou seja, 33,3%, num total de 350cm<sup>2</sup>: em texto sobre assédio sexual, em que funcionários que exercem cargo de confiança estariam cometendo essa prática; sobre denúncias de que a Bosch estaria utilizando informações sobre a saúde dos trabalhadores para fazer demissões; e em reportagem sobre pressão contra médicos para reduzir o tempo de atendimento aos pacientes e para reduzir absenteísmo. Os textos com **Participação** do trabalhador somam 350cm<sup>2</sup>, ou seja, 36,5% do espaço. Nenhuma reportagem versa sobre **Ações Extra-sindicato**.

**Jornal Específico (Saúde)** - 01/10: **Ações Internas** do Sindicato - Neste boletim 4 reportagens incluem-se nesta categoria, num total de 10, ou seja, 40%. Destacam-se, entre elas, reunião do sindicato com DRT, Ministério Público e direção de empresas sobre normas de segurança e reportagem sobre campanha salarial. São 657 cm<sup>2</sup> de um total de 1.650cm<sup>2</sup> de área útil (40% também do espaço). Destas reportagens, duas, ou 20%, contam com a **Participação** do trabalhador: uma, sobre acidentes de trabalho, com exemplos ocorridos dentro de empresas, e outra, sobre doenças ocupacionais, que causam mortes de trabalhadores. **Ações Extra-sindicato** - Nesta edição há 6, ou 60%, de textos sobre **Ações Extra-sindicato**, num total de 907cm<sup>2</sup>. É o caso de textos sobre estatísticas nacionais de

acidentes de trabalho, extensas jornadas de trabalho, um artigo sobre ética nas perícias judiciais, entre outras.

**Jornal Geral - 26/11:** Esta edição do jornal geral tem entre a categoria **Ações Internas do Sindicato** 7 das 13 reportagens, ou seja, 54%, ocupando espaço de 2.214 cm<sup>2</sup> de um total de 3.842 cm<sup>2</sup>, 58%, portanto. Entre os textos aqui incluídos estão reportagens sobre mobilização contra o Sindipeças, direitos do trabalhador, resumo dos acordos nos vários grupos do setor, conquista de reivindicações em uma fábrica. Teve **Participação** direta do trabalhador apenas uma reportagem, sobre a Micromachine, em que são ressaltadas mudanças na segurança do trabalho dessa empresa, após denúncias dos trabalhadores ao sindicato. Isso representa 8% do total de matérias, e 14% entre as que versam sobre Ações Internas do Sindicato; em relação a espaço, ocupou 221 cm<sup>2</sup>, 6% do total, ou 10% do espaço das Ações Internas do Sindicato. **Ações Extra-sindicato** - Aqui verificou-se a presença de 6 reportagens, 46% do total, ocupando 1.628cm<sup>2</sup> do total de 3.842cm<sup>2</sup>, 42%. Entre os textos encontraram-se reportagens sobre debate a respeito da base de Alcântara, o Dia da Consciência Negra, eleições em Cipa de várias empresas e sobre o Fórum Social de Campinas.

**Jornal Geral - 22/10:** Esta edição da *Folha de Metal* trouxe apenas 3 reportagens, duas delas dedicadas às **Ações Internas** do Sindicato (campanha salarial e impasse nas negociações com um dos grupos empresariais do setor) e uma em defesa do PT no segundo turno das eleições. Em termos de percentuais, incluíram-se entre as Ações Internas do Sindicato 66,6% dos textos, mas com 55,5% do espaço (980 cm<sup>2</sup> de um total de 1.764 cm<sup>2</sup>); entre as **Ações Extra-sindicato**, 33,3% dos textos, e 44,5% do espaço (784cm<sup>2</sup>). Nenhuma reportagem teve a **Participação** direta do trabalhador.

**Jornal Geral - 18/07:** As **Ações Internas** do Sindicato mereceram atenção em 7 de um total de 9 reportagens, ou seja, 78%, com 1.596 cm<sup>2</sup> de um total de 1.852cm<sup>2</sup> (86%). Incluem-se, entre elas, reportagens sobre a festa junina do sindicato, inscrições para a copa de futebol de campo, a morte de um operário em Paulínia, devolução do imposto sindical, greve na Dako e greve em fornecedora da Honda e Toyota. Destas, tiveram **Participação** do trabalhador duas reportagens: sobre a greve na Dako e a morte do trabalhador em Paulínia. Isso representa 22% das matérias em geral, e 29% daquelas sobre Ações Internas, com o espaço de 763 cm<sup>2</sup> (41% do total, ou 48% das Ações Internas). As **Ações Extra-sindicato** mereceram a atenção, também, de duas reportagens: sobre o aumento de milionários na



América Latina e debate sobre a respeito da Alça. Repete-se o percentual de 22% das matérias, e, em termos de espaço, chegou-se a 256 cm<sup>2</sup>, 14% do total de 1.852cm<sup>2</sup>.

**Jornal Geral - 5/11:** Campanha salarial, informações sobre direitos trabalhistas e decisões da entidade sobre racismo foram os assuntos das 3 reportagens que compuseram a categoria **Ações Internas** do Sindicato, 50% do total de 6 textos noticiosos. O espaço ocupado foi de 728 cm<sup>2</sup>, 39% do total de 1.851 cm<sup>2</sup>. Nenhuma teve **Participação** do trabalhador. Em **Ações Extra-sindicato**, outras 3 reportagens se fizeram presentes: protesto contra Alça, mudanças que se espera de Lula no País e Semana da Consciência Negra. O percentual de matérias é o mesmo (50%), mas o de espaço é maior: 1.123 cm<sup>2</sup> do total de 1.851 cm<sup>2</sup>, os seja, 61%.

## TOTALIZAÇÃO POR CATEGORIA

Se considerarmos o número de matérias, teremos: **Ações Internas** do Sindicato: 35 de 53 = **66%**. Com **Participação** do trabalhador: 8 de 53 = **15%**. Ou 8 das 35 de Ações Internas=**23%**. **Ações Extra-sindicato**: 18 de 53=**34%**.

Se considerarmos o espaço ocupado pelas categorias, teremos, do total de 12.897 cm<sup>2</sup> de área útil: **Ações Internas** do Sindicato: 8.113 cm<sup>2</sup>, ou **63%**. Com **Participação** do trabalhador= 1.681 cm<sup>2</sup>, **13%** do total, ou **21%** das Ações Internas. **Ações Extra-sindicato**: 4.784cm<sup>2</sup>, ou **37%**.

## AS ENTREVISTAS DE DIRIGENTES E PROFISSIONAIS

Alguns aspectos da forma como se produz os jornais do Sindicato, verificados nas entrevistas com o dirigente e as profissionais, apontaram para alto grau de centralização em tal processo, sem a participação direta dos trabalhadores, e com a ação estritamente técnica das jornalistas, que tampouco têm autonomia para a tomada de decisões, com a exceção de alguns jornais específicos.

Sobre o jornal geral, Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto alegam que não sentem uma identificação do trabalhador, apesar de não constar no Sindicato nenhuma pesquisa sobre o



assunto e de ambos jornais não apresentarem seção de cartas ou qualquer outro espaço de comunicação direta entre trabalhador e periódico.

Quanto aos jornais específicos do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, as jornalistas Cláudia e Eliane informam que há uma maior identificação dos assuntos abordados e uma diferença na receptividade do trabalhador entre os dois jornais –jornal específico e jornal geral. Além disso, ficou patente que apesar dos jornais específicos estarem mais ligados ao trabalhador, esta é uma função também dos jornais gerais.

Sobre a identificação do trabalhador com o jornal específico Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto dizem que, apesar das pautas não virem dos trabalhadores das fábricas, e sim dos diretores, há uma maior liberdade, tempo e demanda para produzir os jornais específicos.

“Até porque esses ‘boletins’ não é que eles vêm da coordenação, alguns vêm e outros não. O diretor fala: ‘nós estamos com problemas na fábrica tal...’, e a gente faz o boletim. Então eu acho que a liberdade de produzir é maior. E ele fala mais ao trabalhador porque ele vai tratar de um assunto que está acontecendo exatamente dentro daquela fábrica. E aí a impressão que a gente tem é que o pessoal se identifica mais com aquele jornal. Porque quando se fala em determinado projeto ele sabe exatamente do que se está falando. (...) Esses [boletins] são mais discutidos, mais elaborados, dá pra fazer um trabalho melhor. Como você tem mais tempo de pesquisar, de discutir mais, ele vem com mais informações e sai melhor”<sup>4</sup>.

Embora expressem a opinião de que os jornais específicos possuem uma maior ligação com os trabalhadores, as comunicadoras do Sindicato alegam que o único retorno desta participação, assim como acontece com as pautas, vêm do próprio diretor e nunca dos trabalhadores.

“Olha eu nunca fui numa porta da fábrica pra ver os comentários dos trabalhadores, mas eu acredito que a receptividade [dos jornais específicos em relação aos gerais] é diferente. Os diretores comentam: ‘poxa, que legal, os trabalhadores gostaram muito e tal...’. Geralmente os comentários que a gente recebe dos diretores a respeito do que foi falado na fábrica é por causa dos específicos. Do geral dificilmente eles dizem alguma coisa pra gente, do tipo: ‘ah comentaram aquilo, sugeriram tal coisa...’”<sup>5</sup>.

Apesar de o jornal específico possuir um grau maior de participação dos trabalhadores, essa participação nunca é direta. Como constatado por Eliezer Mariano da Cunha, no jornal específico o diretor de cada fábrica é que encaminha as denúncias ou informações do

---

<sup>4</sup> Depoimento de Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto para a realização deste trabalho.

<sup>5</sup> Depoimento de Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto para a realização deste trabalho.



trabalhador ao setor de imprensa e no jornal geral as informações vinda dos trabalhadores são “filtradas” pelos diretores.

“Essa participação ela é pouca ou quase nula. [A participação direta] não tem. Um ou outro trabalhador liga, às vezes, e pede para colocar algum tipo de denúncia (...). A gente sabe que os trabalhadores lêem os jornais, porque em algumas coisas eles estão informados. Às vezes tem um fato ou outro que o trabalhador tem informações que só podem ter saído do jornal. Nós não criamos nenhum mecanismo com relação esse setor (participação do trabalhador na imprensa) (...)”.<sup>6</sup>

Há um consenso entre as jornalistas responsáveis pelas publicações do Sindicato dos Metalúrgicos e os dirigentes encarregados da área de imprensa, representados por Eliezer Mariano da Cunha, no que diz respeito à importância da comunicação como sendo uma área estratégica no Sindicato e da desatenção do Sindicato para esta área.

Para as jornalistas, a imprensa é estratégica mas não recebe a atenção necessária.

“Eu acho que ela é estratégica, é vista por todos, mas não recebe a atenção que precisa, ou seja, investimentos em pessoal, mas não só isso: investimentos geral, operacional (...). As próprias discussões entre a diretoria e o departamento [de imprensa], elas não existem. Eles [os diretores] sabem que é importante, que é a forma do sindicato se comunicar com o trabalhador, então se eles sabem a importância eu acho até que isso é consenso. Eu acho que eles conseguem entender a importância que o departamento tem, mas pára aí. ‘Tem que fazer boletim, então vem, faz e pronto’: essa é a visão deles. Não se discute no departamento o que pode mudar, quais as deficiências... Mesmo a ‘cara’ do jornal, a gente tem sugestões de mudar um pouco e isso não é discutido. Em alguns aspectos os jornais ficam saindo muito com a mesma ‘cara’ e eu acho que isso é uma falta de percepção da direção que é importante você estar discutindo mais o departamento de comunicação. Se houvesse mais discussões com certeza a gente poderia estar apresentando alternativas para melhorar os jornais”.<sup>7</sup>

Ao comentar outras formas de comunicação do sindicato, Eliezer da Cunha ressaltou que as assembleias de fábricas tomaram os espaços dos meios de comunicação, principalmente do jornal específico, porque muitos problemas internos das fábricas foram solucionados pelas assembleias, o que teria feito diminuir a demanda por jornais específicos.

---

<sup>6</sup> Depoimento de Eliezer Mariano da Cunha para a realização deste trabalho.

<sup>7</sup> Depoimento de Cláudia Medeiros e Eliane Peixoto para a realização deste trabalho.



## COMENTÁRIOS FINAIS

As sete edições da *Folha de Metal* totalizaram 53 matérias jornalísticas, em 12.897 cm2. Dessas 53 matérias, 35 referiram-se a Ações Internas, enquanto 18 dedicaram-se a temas Extra-Sindicato. Do ponto de vista percentual tem-se, respectivamente, 66% das matérias dedicadas a Ações Internas enquanto 34% estão voltadas a assuntos Extra-Sindicato. Do total de 53 matérias, verificou-se a participação direta dos trabalhadores em 8 (ou 15%). A participação, portanto, está longe de configurar um processo descrito por pesquisadores como horizontal, dialógico, democrático. Como, aliás, foi destacado pelas jornalistas, que afirmaram ser pequena a participação dos trabalhadores na elaboração dos jornais.

O próprio dirigente do sindicato assinalou com extrema clareza o caráter centralizador da diretoria no processo de produção dos jornais – de tal maneira que não se percebe nenhuma perspectiva, internamente à entidade, sequer de reflexão sobre as limitações de uma comunicação assim produzida. O caráter organizador da imprensa, preconizado por alguns teóricos do movimento e da comunicação sindical, restringe-se à agitação de temas pontuais de interesse do sindicato, que, nessas questões, busca trazer a categoria à entidade.

A tendência do movimento sindical de voltar-se essencialmente para questões que dizem respeito à própria instituição é confirmada com esse resultado, assim como a baixa participação do trabalhador. Tais questões são algumas das características verificadas na história da imprensa sindical. O “neocorporativismo societal” a que se refere Ricardo Antunes pode ajudar a compreender tal tendência da comunicação sindical. De qualquer maneira, dificilmente tal comunicação, conforme se verificou na pesquisa realizada, buscou organizar os trabalhadores além do âmbito estritamente corporativista, com poucas exceções, voltadas, de maneira pontual, para a eleição do então candidato Lula e para o combate à criação da Alça pelo governo FHC.





## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo. "Os sindicatos estão na encruzilhada". *O Estado de S. Paulo*, 28/5/96, p.2.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Campinas/São Paulo : Editora da Unicamp/Cortez Editora, 2002. 7ª edição
- COMIN, Álvaro Augusto; Cardoso, Adalberto Moreira, e Campos, André Gambier. "As bases sociais do sindicalismo metalúrgico". Em: ARBIX, Glauco e ZILBOVICIUS, Mauro (orgs.). **De JK a FHC, a reinvenção dos carros**. São Paulo : Scritta, 1997.
- FERREIRA, Maria Nazareth (org.). **O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens**. São Paulo : Cebela, 1995.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil**. São Paulo, Ática, 1988.
- FUSER, Bruno. **A Comunicação Conservadora dos Metalúrgicos do ABC**. São Paulo : Escola de Comunicações e Artes da USP, 1998 [Tese de Dout.]
- FUSER, Bruno. **Políticas de Comunicação do Governo Erundina (1989-1991): do Agitprop ao Jack Palance**. 1992. [dis. de maestr.]
- FUSER, Igor. "Um latifúndio chamado informação". Em: *Revista Sem Fronteiras*, nº 250, São Paulo, maio de 1997, p. 12-16.
- GIANNOTTI, Vito, e SANTIAGO, Cláudia. **Comunicação Sindical: Falando para Milhões**. Petrópolis : Vozes, 1997.
- KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica – ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 1998.
- LAHNI, Cláudia Regina. **A presença das mulheres na imprensa sindical – Um estudo da imprensa do Sindicato dos Professores de Campinas e Região**. São Paulo : Escola de Comunicações e Artes da USP, 1999. [Dissertação de Mestrado]
- LÊNIN, Vladimir Ilich. **Acerca de la Prensa**. Moscou : Ed. Progreso, 1980.
- MATTELART, Armand. **Frentes culturales y movilización de masas**. Barcelona : Ed. Anagrama, 1977.
- MATTELART, Armand. **História das teorias da comunicação**. São Paulo : Ed. Loyola, 1999. 2ª edição.



- MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo : Livraria Pioneira, 1972.
- NOGUEIRA, Oracy. "O objeto das ciências humanas". Em: HIRANO, Sedi. (org.) **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo : T.A. Queiroz, 1979.
- PAVAN, Rosiver. "Os rumos do sindicalismo". Em: INCA – INSTITUTO CAJAMAR. **Estratégia: uma saída para a crise**. São Paulo : Editora Brasil Urgente, 1991.
- PERUZZO, Círcia. **Comunicação nos Movimentos Populares – a Participação na Construção da Cidadania**. Petrópolis : Vozes, 1998.
- PINTO, Regina Pahim. **O livro didático e a democratização da escola**. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1981. [Dissertação de Mestrado]
- POSSAN, Magali. **A Malha Entrecruzada das Ações: As Experiências de Organização dos Trabalhadores Metalúrgicos de Campinas (1978-1984)**. Campinas : Ed. da Unicamp, 1997.
- SOARES, José de Lima. "Inovações tecnológicas, novas formas de controle do capital sobre o trabalho e movimento sindical". Em: *Quinzena*. CPV - Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro. N.º 251. 31/5/97. São Paulo, pp. 3-8.
- SOUSA, Mauro Wilton de. **A rosa púrpura de cada dia**. São Paulo, ECA/USP, 1990. (Tese de Livre-docência)